

## Algumas anotações sobre o artigo “A contemporaneidade em crise! De qual crise estamos falando?”

Clarice M. S. Rocha  
Membro Associado da SPBSb e SBPSP  
Brasília, 11/05/2005 - Reunião Científica

Os autores Elias Malet da Rocha Barros e Elizabeth Lima da Rocha Barros são analistas didatas da SBPSP e membros efetivos da Sociedade Britânica de Psicanálise. Apresentaram este trabalho em três ocasiões: a primeira versão, em Campinas, 1998; no ano seguinte, em março de 1999, durante um encontro em Araçatuba e, três meses após, autorizaram a publicação em *Alter*, vol. XVIII, n. 1.

Foi escolhido, entre muitos, porque nos interessa, ao iniciarmos as atividades preparatórias para o Congresso Brasileiro de Psicanálise, conhecer diferentes abordagens sobre os conceitos que compõem o tema “Poder, Sofrimento Psíquico, Contemporaneidade”.

O debate da reunião de hoje terá a “Contemporaneidade” como tema. Sabemos que se trata de um conceito de grande extensão e, por isso admite os mais diferentes modelos de investigação. Entre esses modelos, independentemente daquele que for escolhido, quer esteja submetido ao rigor das propostas científicas, quer ao diletantismo das simples divagações, os riscos de extenuantes generalidades serão inevitáveis. Por isso, selecionamos este artigo, que possui, entre outras qualidades, a de nos oferecer a necessária delimitação conceitual no campo da Psicanálise.

01. Resumo do artigo: seus autores discutem as **possíveis causas do declínio do prestígio da Psicanálise** e concluem que:

- há uma **crise de mercado** mais que uma crise epistemológica;

- há necessidade de que a Psicanálise:

- . **recupere** a credibilidade diante do público acadêmico;
- . **mostre** a importância da palavra como agente articulador de significados e transformador de estruturas mentais;
- . **atualize** a noção de inconsciente.

- **não** há necessidade de que a Psicanálise:

- . tente reformular sua imagem pública por meio da modificação do *setting* para atender as necessidades de mercado.

## 02. Alguns dos argumentos propostos:

- Precisamos avaliar a adequação da Psicanálise à nossa época que se caracteriza pelo imediatismo, pela pressa e, provavelmente, pela dificuldade crescente de exercer o pensamento e a razão. Vivemos uma época que valoriza a satisfação imediata em detrimento da reflexão.
- Algumas práticas ganham a preferência do público e representam uma concorrência importante para a Psicanálise.
- A crise que não pode ser ignorada é aquela que coloca em dúvida o valor do pensar reflexivo a respeito de si, mas que, lamentavelmente, está se constituindo em ideologia dominante.
- A Psicanálise não tem mais o caráter de conhecimento revolucionário por não ter sido capaz de manter sua inspiração inicial, e termina o século como um campo de conhecimento tachado de conservador, velho e pouco atraente.
- A questão que se coloca, é como resgatar a inspiração inicial, a qual só é possível por meio da reconquista de uma mentalidade investigativa que cria uma tradição de problemáticas.
- A crise contemporânea atribuída à Psicanálise é uma crise de mercado, vista como algo que já não satisfaz ao consumidor, voraz de novidades e de rapidez.
- O novo em Psicanálise não deve ser tomado como sinônimo de inovar, de criar algo que a afaste de seus fundamentos.
- Ainda há todo um universo de novidades a ser descortinado na obra de autores da psicanálise como Freud, Klein, Bion, Green, entre outros.
- A crise salutar que substancia a Psicanálise é aquela que demanda, permanentemente, uma volta às suas fontes em um constante re-exame de seus fundamentos para renová-los.
- Ser revolucionário em Psicanálise é examinar, radicalmente, aquilo que a funda.
- A Psicanálise não é um saber técnico que pode ser adaptado às demandas do consumo; é um saber sobre a essência do que caracteriza o ser humano.
- Cada contribuição teórica necessita conter, implícita ou explicitamente, o modelo do aparelho psíquico que está sendo proposto como sua base reflexiva. Essa necessidade é fruto da exigência de racionalidade que sustenta a estrutura da Psicanálise.
- As propostas para refletir sobre a Psicanálise, invariavelmente, significam rever o *setting* analítico para adequá-lo às novas demandas do século XXI. Essa necessidade pode ser um reflexo da nossa consciência crítica ou um dos derivativos do sentimento de que a Psicanálise está em crise, pois não responde mais às expectativas que lhe são dirigidas.
- A resposta mais imediata ao sentimento de insuficiência é buscar suas causas nos aspectos externos, especialmente se for identificado algum

formalismo cujo significado se perdeu. Eliminá-lo seria a decisão que produziria a “novidade”, tornando a Psicanálise mais atraente.

- Ao dizer que a crise da Psicanálise pode ser resolvida com a reformulação do *setting*, estaremos reduzindo nossa disciplina a uma técnica. Essa redução já pertenceria à crise da Cultura.
- A crise, que se constitui num processo salutar, é aquela que, partindo de uma indagação sobre as limitações do instrumental psicanalítico (conceitos) para explicar os fatos clínicos observados, conduz ao aprofundamento e ampliação do conhecimento dos processos psíquicos.
- Não há dúvidas de que a Psicanálise precisa de renovação e que, às vezes, sua linguagem soa envelhecida. Como exemplo, atualmente é necessário examinar, para renovar, as lógicas implícitas que articulam a maneira como operam analista e analisando em sessão e as patologias contemporâneas, tais como as síndromes *boderlines*.
- A noção de que a Psicanálise se sustenta numa experiência de interação única e singular entre duas mentes, é desconhecida pela maioria das pessoas, mesmo entre as do meio acadêmico.
- A Psicanálise necessita de uma renovação, a começar da linguagem que utiliza. Em sua face pública soa velha, desatualizada, fechada em si mesma, desinteressada em estabelecer diálogos com outros campos do saber.
- Os autores consideram que o “novo” não surge, simplesmente, da pressão para inovar, não é inventado no campo da Psicanálise, mas é gestado.
- Os atributos de um ato criador “... não são outras coisas senão reordenação, redistribuição de detalhes que não foram anteriormente apresentados juntos num mesmo contexto”. (Cf. Glen Gould, 1991)
- A situação analítica da forma como é concebida nos seus aspectos formais (número e duração das sessões, a postura do analista) constitui nossa *materialidade teórica* (Cf. Fédida, 1992). É metapsicológicamente coerente com a “ficção” de um aparelho psíquico. É deste ângulo que podemos fazer uma reflexão sobre a teoria implícita na concepção de *setting* na clínica contemporânea.
- Qualquer inovação nos seus aspectos formais implica o reexame da concepção de como opera o aparelho psíquico humano.
- Os aspectos formais não são aleatórios nem resultado de costumes perdidos no tempo, ainda que possam conter certa dose de aleatoriedade.
- O vértice psicanalítico (adotado para lidar com a dor psíquica por meio do desenvolvimento da capacidade de pensar e propiciado pelo *insight*) é confrontado pela oferta de uma espécie de “neurotecnologia” que propõe resolver os problemas humanos pela química.
- Nesse contexto o *setting* torna-se parte do instrumental analítico a ser justificado e sua credibilidade precisa ser reestabelecida. É necessário entender as razões da sua adoção e, sem essa reflexão inicial, qualquer tentativa de reformulação estaria vulnerável aos modismos.
- Trabalhamos com a palavra, com o significado da experiência emocional, tendo como arma principal a interpretação comunicada verbalmente aos

nossos pacientes na “situação analítica”, condição *inventada* por nós como parte do nosso arsenal.

- Precisamos, para sobreviver enquanto prática clínica, demonstrar que a palavra interpretativa comunica significados da experiência emocional e modifica a vida psíquica do indivíduo.
- O grande desafio da Psicanálise contemporânea é recuperar o prestígio da palavra como elemento transformador das estruturas inconscientes e também atualizar o conceito de inconsciente.
- A idéia-chave, a partir da qual poderemos pensar a questão da clínica contemporânea, é aquela relativa às condições de *instauração da situação analítica*.
- **Concluem os autores:** “*Inovar, ser revolucionário, estar preparado para o século XXI, neste fim de século avesso à reflexão sobre si, movido pelo princípio do prazer imediato, da satisfação peremptória, talvez seja resistir às inovações apressadas. (...) Revolucionário é, a nosso ver, questionar o projeto do princípio do prazer. Somente assim manteremos o caráter revolucionário que marcou a introdução do pensamento analítico no grande projeto civilizatório da humanidade.*”

**03. Algumas das questões propostas pelos autores ao longo do artigo:**

- 1ª. Será que nós analistas não temos parte da responsabilidade pela perda do interesse pela Psicanálise?
- 2ª. Será que nós mesmos, não perdemos de vista a singularidade, a especificidade da relação analítica?
- 3ª. Será que ainda acreditamos que a experiência analítica é única e surpreendente?